

Eloi, o mágico “HEloi”, o herói das mantiqueiras e das araucárias (na visão de um sábio menino)

DR. GILMAR MEREB CHUEIRE CALIXTO

Meninos, conheci o maior contador de histórias do nosso tempo; é um cara tal qual o Pequeno Príncipe, só que grandão.

Tem um jeito de falar manso, parecido com aquele cronista das Minas Gerais, o Rubem. Cabelos encaracolados e dourados, tal qual anjinho barroco, alto e de um olhar tão profundo como o fundo dos oceanos, além de místico, como as Cordilheiras Andinas. Dizem que morou na Serra do Mar por um tempo e encontrava-se com os poetas à meia-noite nas luas cheias, onde vagavam e riam com duendes, fadas e bichos, inebriados em cheiros e delírios poéticos.

Dizem que ele aconselhou um homem feio a não usar um capelo mágico para ficar bonito e mais poderoso, transformando um Zé do Chapéu de pés vermelhos em Senador da República. Não sei o que é isso direito, mas disseram-me que não soube usá-lo, deixando o banco do pai dele pobre e tristes e desencantadas as pessoas que sonhavam com uma vida melhor.

Também ouvi o HEloi, falando numa rádio lá em Curitiba, de um modo tão difícil que só os doutores e professores entendiam.

Dizem dele, também, que andou no estrangeiro, muito longe, visitando um povo azulado, chamado de Celta (e não cetras de atirar pelotas de barro), e que nem mesmo o rei da Inglaterra, tão poderoso, sequer aqueles gladiadores romanos, de filmes antigos, conseguiram dominá-los.

Dizem que aquele livrinho que nosso pai lia para nós, “O nó do afeto”, meio triste, que nos comovia ao saber que ele desaparece de dia, atrás de dinheiro, voltando muito cansado enquanto dormíamos no quarto ainda escuro, deixando no lençol um nó, registrando assim sua presença para alegrar a mim e o urso de pelúcia, que me contava tudo pela manhã, além de que rezava baixinho em nossos

ouvidos e cantarolava cantigas de infância. Ele se parecia com minha professora, só que um pouco menos chato.

O “HEloi” morava perto de um trem, que fingia ser uma pizzaria hoje, para não cumprir horários, nem levar gente embora para sempre, deixando as pessoas e a Cidade Sorriso mais cinza, sem riso. Meu pai, que era um escritor sabido, dizia que ele lembrava um tal Thoreau, poeta gringo, cabeludo e barbudo que escreveu coisas lindas após morar numa caverna na floresta, deixando a barba alcançar os pés, longe da maldade e hipocrisia humana de seu tempo. Ensinou às pessoas um outro olhar ao amar os seres humanos, os animais, as plantas e as coisas, naturalmente. Relatou sua história e estórias através dos tempos.

Dizem que o “HEloi” inspirou uma professora de verdade do Prado Velho, onde eu ia com meu avô assistir corridas de cavalos, e que se tornou uma grande universidade. Ela se parecia com a Mafalda, com óculos, nariz arrebitado, atarefada, envolvida com as pessoas e causas, fazendo-as mais capazes e felizes, colorindo a vida delas. Ensinou-as a dizer Sim e Não, com amor, livres de ideologias e em busca do seu real Ser. Um dia, tomaram sua sala, cortaram seus laços de fitas e vidas e a descoloriram. Suas plantas, escritos, fotos, livros e quadros, amontoados, bem como a alegria e o sorriso das pessoas, foram juntos, numa Kombi, em um dia frio e chuvoso.

E o campus foi coberto de lamúrias dos quero-queros brancos e pretos, agora enlutados.

Disseram que o perfume de lavanda que inundava sua sala e o prédio azul faziam com que as pessoas dessem um baita sorriso, incomodando a “Metrópolis” e o “Grande Irmão”. Quando ela partiu, levou as cores e as flores; suas plantinhas cresceram e floriram em outro jardim, longe dali, agora, multicolor.

"E EU PUDE APRENDER SOBRE A DIGNIDADE E A SORDIDEZ HUMANA, SOBRE PALIAÇÃO E TERMINALIDADE, VALORES E O AMOR VERDADEIRO, FICANDO ASSIM MAIS FORTE E COM MENOS EGO."

Dizem também do nosso HErói, que ensinou seu médico a fazer Bilú-Bilú para seus pacientes, fazendo-os rir, sarar ou paliar. Ele incentivou seus alunos doutores a fazerem o mesmo com os seus, cativando-os e levando-os a rirem novamente até doerem as barrigas. Acho que um médico de nariz de palhaço de um filme, penso eu, aprendeu com ele.

HEloi viajou pelo mundo afora, contando histórias, fazendo com que gente grande que já esqueceu de olhar, beijar e abraçar a fazê-lo, bem como a aprender partir e retornar.

Outro dia fui com meu pai buscar um livro dele onde fala das pessoas, das ruas, do jeito de ser do curitibano, do "leite quente que dói o dente", da Cidade Sorriso que não sorri mais, mas que, quando faz um amigo, é para sempre.

Eu te digo que no meu prédio, ao entrar no elevador, as pessoas olham para o teto, para as paredes e não para os olhos da gente e mesmo assim, quando encosto a língua no nariz, faço careta ou como uma meleca só para contrariar; os adultos resmungam e se afastam de mim.

Disseram-me que o HEloi arranjou uma princesa para seu país (igual aquela música do Chico); uma moça magra de óculos, neta de um professor, que tinha um grande museu encantado na Brigadeiro, agora um hotel português com guerreiros de latas, armas estranhas, bandeiras, escudos e espadas. Tinha arcos, flechas e enfeites de índios brasileiros, tudo de verdade. E um banco grande queria pegar todas as coisas da nossa terra e de lugares distantes, como a Espanha, aquela do livro que ganhei do "Cavaleiro Manchado" que tinha um amigo pançudo e queria derrubar um moinho de vento, que para ele era um dragão de fogo. Derrubar e ficar famoso.

O professor pediu para um monte de gente para defender aquelas coisas, que os adultos chamam de "Acervo da Nossa Terra e Gente", aquilo que quando crescem deixam de lado e só se interessam, a partir de então, por dinheiro. Rei Davi queria que as pessoas e crianças conhecessem a sua história e elas mesmas, com seus amados livros e artesanatos, agora perdidos. Mas foi em vão; vieram os homens do leilão e o velho professor, com sua funda rota, não derrubou o Goliás e os mandantes de Curitiba não os impediram.

Ele e sua linda princesa choraram e choveu muito; sobram apenas uma mesa de carvalho com cadeiras antigas, uma cama magistral com castiçais grandes ao lado, iluminada com lustre de cristal, vigiados por uma armadura metálica em pé com uma espada e escudo que parecia defender sem sucesso o seu lugar. Nesse lugar, a rainha da casa, majestosa e altiva, ficou deitada e não mais se levantou; só sorria quando sua filha, escudeira fiel, servia-lhe chá inglês cáldido com torradas. Ela cuidou-lhe sem cessar até o finzinho e seu médico jovem a assistia sempre, mesmo após a partida dele, abraçado de tristeza aos seus livros queridos.

E eu pude aprender sobre a dignidade e a sordidez humana, sobre palição e terminalidade, valores e o amor verdadeiro, ficando assim mais forte e com menos ego. Lembro-me da Ópera da Geni, que aplacou o Zeppelin maldito, com sua dor e resignação, salvando gente daquela cidade e enterrando suas almas sujas.

Nosso "HEloi" pegou um "trem" na barriga, preferia um ITA no norte, deixando-o em casa por um tempo, com dor e magreza, mas sempre altivo com seus olhos brilhantes da cor do mar. E assim mesmo foi viajar; perguntou a meio mundo, o que tinha para tomar e curar; ninguém sabia, nem Salamanca, nem Marcelino.

Alguém lhe disse e ele disse que o remédio Mata/Cura, existia e encontrava-se com um velho monge em uma caverna na Mantiqueira. Um elixir para "matar" o trem e o recolocar nos trilhos. Ele plantou oliveiras nos serros e esperou. Elas cresceram depressa e ele como fora instruído, bebeu o líquido dourado e sabe o que aconteceu? A gaiola dourada folclórica do São Francisco partiu sem ninguém, vazia, sem vitalma. Só se ouviu um bucólico apito distante, graças a Deus!

Nosso HEloi voltou para casa feliz; o monge lhe disse que só partiria quando deixasse de cuidar dos nossos pinheirais e oliveiras, perder o amor de sua princesa e desatar "os nós" em nossos lençóis. E essa vai muito distante, pois hoje ele ensina as crianças a darem nós nas camas dos pais, nas camas dos asilos e ensinar a todos os médicos de homens e almas do mundo a amar a vida. E agora? Agora eu não sei mais, mas parece que o HEloi,

louco como Dom Quixote com sua donzela de El Toboso, contou essa história; parece que agora, o publicitário virou um contista e ambientalista, um plantador de sonhos e florestas no serro e nas gentes. Eu acho que é um simples homem mágico, um grande príncipe. Agora tenho certeza, a mesma que tenho que ser um piá, que ele vai voltar para seu planeta depois de consertar o nosso. Aquele homem de lata que vimos na TV outro dia, hoje banalizado como souvenir no clip da Pitty, enfrentando a Metrópolis com seus robzões, que pisava nas flores e espantava os sonhos. Vai implantar nele um coração de verdade, igual ao dele, como no filme de Oz real, de verdade.

E o robô vai ficar bonzinho, vai cuidar das plantinhas e dos animais, vai ensinar as crianças de todos os planetas grandes e pequenos a contarem histórias e estórias, para

os seres poderem ser mais felizes e aprenderem a cativar, amar e cuidar melhor das pessoas e das coisas, para o cosmos brilhar ainda mais e existir para o Sempre.

Esse nosso HEloi, como o herói do gibi “Herói dos Ser-tões”, é dos bons!

E acabou-se a história, morreu a vitória, quem comeu se arregalou e quem falar primeiro, come toda a m... dela.

Vagalume tem, tem... teu pai tá aqui, tua mãe também...

Tem Herói aqui também.

Já te pego, já te pingo, já te jogo no pinico. Piuíiiii...

Fim, fim (*the end*).

Meninos, lhes digo:

Eu aprendi a não ter medo de VIVER e MORRER!

É só SORRIR, que tudo passa e a “Terra do Nunca”, digo do “Sempre”, existe e é AQUI! 📍

NASCER, MOMENTO SUBLIME

O nascimento de um filho é um momento sublime, que transcende o explicável. A maternidade suporta dores pela expectativa da transformação que se avizinha, de compartilhamento do novo ser com o mundo externo e seus desafios. A missão do médico será sempre a de oferecer o melhor de seu conhecimento em prol da segurança e bem-estar à mãe e seu bebê. Na imagem, o lumiar da vida pelas mãos do gineco-obstetra Sari Omar e sua filha, a também médica Karolyne Soumailli Omar.

